

Quarenta e nove novos deputados... de ontem

UNITA chegou com a família

PUBLICO, 18-3-97

Do nosso enviado
Pedro Rosa Mendes
em Luanda

A ponte aérea não foi completa: 49 deputados e quadros da UNITA chegaram ontem a Luanda, em dois voos. Houve calor a mais no hangar. Higino Carneiro, "obviamente", não estava contente.



Quarenta e nove deputados da UNITA

TA — sem haver certeza absoluta deste número — e dois membros indigitados do futuro governo chegaram ontem a Luanda provenientes do Bailundo. Higino Carneiro, representante do Governo angolano na Comissão Conjunta (CC) e que recebeu o grupo, não comentou a chegada dos homens do Galo Negro, mas não escondeu o seu descontentamento: "Obviamente, não estou contente".

Higino Carneiro, porta-voz da delegação governamental na CC, deixou cair o comentário momentos após a chegada do segundo grupo de deputados da UNITA. Outras declarações do general, só mais tarde, "depois de reunir com a delegação da UNITA".

Os elementos da UNITA chegaram a conta-gotas. Um C-130 das Nações Unidas aterrou com um primeiro grupo às 14h50 no aeroporto de Belas, onde se situa o hangar da Unavem III (Missão de Verificação da ONU em Angola). Nesse pri-

MELCHA VALENTE/AGF



Primeiro grupo de deputados da UNITA que ontem chegou a Luanda: a unidade estará próxima?

meiro voo — atrasado três horas devido ao mau tempo no Bailundo — chegaram 29 deputados com as suas famílias, num total de oitenta pessoas. Num segundo voo, às 19h10, chegou um grupo mais pequeno, encabeçado pelo embaixador Isaias Samakuva, chefe da delegação da UNITA na CC.

Continuam a faltar 21 dos setenta deputados que vão preencher a bancada da UNITA na Assembleia Nacional. Isaias Samakuva, que como todos os responsáveis da UNITA, Governo e Unavem foi poupado nas declarações, anunciou para "amanhã ou depois de amanhã (hoje e quarta-feira) a sua vinda para Luanda.

Entre o grupo proveniente do Bailundo estavam dois membros do futuro Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN): Vitorino Hossi, indigitado para a pasta do Comércio, e Fernando Heitor, indigitado vice-ministro das Finanças.

Carlos Fontoura foi um dos que chegaram com o primeiro grupo. "Sinto um orgulho enorme em participar no parlamento e uma vaidade muito grande em fazê-lo em representação da UNITA", afirmou à saída do avião.

Com ele viajaram Milu Tonga, que deverá ser o vice-governador do Cuanza Sul, e o deputado Almerindo Jaka Jamba (secretário da UNITA para a Cultura e Tradições Africanas).

O caos da tarde aconteceu na segunda chegada, quando um batalhão de câmaras e microfones fechou o círculo em torno das individualidades que receberam os deputados. Dois jornalistas protagonizaram uma cena de pugilato, perante a surpresa dos embaixadores da trióica de observadores (Portugal, Rússia e EUA) e do representante especial do secretário-geral da ONU, Alioune Blondin Beye, que pedia "calma, calma!". Perante os nervos da imprensa, alguém teve a ideia de fazer mover um enorme empilhador com uma paleta para a frente do local onde Beye e Samakuva iriam fazer as declarações. (A paleta era para possibi-

litar aos jornalistas ficarem mais "altos". Nova confusão.)

Faltam "alguns acertos"

Samakuva agradeceu depois a "recepção calorosa" e explicou que "um ou outro deputado não veio por questões administrativas" e não deu a certeza do número dos que tinham chegado — apesar de ele próprio ter vindo num dos voos. "Esperamos que com este passo nós tenhamos avançado no processo de paz". Quanto aos membros indigitados para o GURN, "chegarão a Luanda depois de alguns acertos com a mediação e com o Governo". Na quinta-feira passada, Jo-

nas Savimbi anunciou no seu discurso que todos os 70 deputados do seu partido chegariam a Luanda entre sábado e ontem.

"A UNITA continua a pensar que seria muito útil para o GURN haver uma discussão prévia" do programa, acrescentou Isaias Samakuva, mas o partido de Jonas Savimbi tem esperança de que o MPLA "tenha em consideração" os seus "pontos de vista". "Cremos que o Governo vai ser flexível no ajustamento de pontos que ou não constam do nosso programa ou que estarão abordados de forma muito superficial no anteprojecto que nos foi apresentado". Segundo a Vorgan noticiou ontem, Samakuva é portador de um documento com algumas decisões do mais recente reunião da Comissão Política da UNITA, realizada no Bailundo.

Não foi confirmada a data de tomada de posse dos deputados da UNITA — um partido ainda ilegal em Luanda —, que chegou a estar prevista para dia 20 [mas que depois se soube que nunca deveria ser antes de 24]. "Maitre" Beye também apenas declarou que nada podia declarar e que estará hoje no Bailundo com Jonas Savimbi numa "missão de consulta".

O grupo que chegou ontem ficará instalado em várias residências e hotéis da capital, rodeados de medidas de segurança garantidas pelo Governo. Poucos saberiam ontem, ao certo, como será o seu primeiro dia em Luanda depois das eleições de Setembro de 1992 e do retorno à guerra um mês depois. Carlos Fontoura, pelo menos, sabe o que gostaria de fazer: "Tirar o passaporte e o bilhete de identidade. Não tenho qualquer tipo de identificação." ■

cacimbos da paz

O povo reclama

ALGUMAS PERGUNTAS para o primeiro-ministro angolano, França Van Dunem: "O senhor disse há tempos na TPA [Televisão Popular de Angola] que havia comida armazenada. Quando será posto à distribuição este comer? E que medidas tomará se, como já é hábito, isso for para o mercado paralelo? Disse também na televisão que deu crédito a empresários a 45 dias e que eles não pagaram. Que fez? Por último: houve recentemente um simpósio de cultura, em que o primeiro-ministro ou fez a abertura ou fez o fecho, e falou nos nomes grandes da canção angolana, mas esqueceu-se de um dos três maiores, Bonga."

França Van Dunem, provavelmente, não terá sequer que perder dois segundos com estas questões, porque não lhe foram feitas numa conferência de imprensa mas aos microfones de

uma rádio. "Livro de Reclamações", na LAC (Luanda-Antena Comercial), oferece diariamente, pela manhã, oportunidade de voz e desforra a um povo com poucas instâncias de apelo.

O povo aproveita. O povo que tem fome porque os salários da Função Pública não são pagos há três meses, o povo que participa em greves que não se sabe bem se existem (a TPA só falou da última greve quando foi para dizer que tinha acabado), o povo que lê nos jornais da semana passada que os ordenados estão enfim a pagamento, o povo que vai ao banco e é informado que "ainda há problema de liquidez".

Mas nem é sobretudo por dinheiro que o povo reclama, mas por todas as coisas que fazem do quotidiano, como diz o poeta Ruy Duarte de Carvalho, "um holocausto de energias". À cabeça: assuntos de água, luz e telefone têm lugar

cativo nas queixas feitas em directo no "Livro de Reclamações". Os administradores da EPAL, EDEL e Angola Telecom são diariamente inactivados na LAC (têm oportunidade de responder também em antena uma vez por semana, sexta à tarde). "As contas que nós temos que fazer até para lavar a cara", comentava ontem um ouvinte que paga "quinze milhões" (perto de 13 contos) para um camião cisterna lhe encher o reservatório com que substitui a água canalizada.

A luz, então... (No "dicionário alviniano", um conjunto de definições pedidas por um jornal ao artista plástico Fernando Alvim, "luz" é "o que não há"). Os cortes diários de electricidade, de tão banais, já nem chegam à LAC. O que chega são situações como a de um bairro que está sem luz há quase três semanas. "E ainda nem começa-

ram as chuvas a sério, não se compreende..."

Em Luanda, um simples aguçeiro aumenta matematicamente a frequência e a duração dos cortes de energia. A chuva descobre outras fragilidades: "Choveu há três dias e já não temos sapatos nem tubos de escape nos carros. Está tudo alagado aqui no bairro Nelito Soares por causa de uma construção clandestina". O "Livro" da LAC recebe de tudo: a cerveja que "está adulterada", a polícia aeroportuária "que se comporta como militares", a TPA que "pós muito tarde a produção nacional na nova grelha de domingo", a escola que já custa caro e ainda pede "50 dólares aos pais para reconstruir as instalações".

O povo reclama? Não, o povo pede atenção: "Olhem-nos só um bocadinho. Nós estamos mal. O bairro está feio... Está? Está-me a ouvir?" Estamos todos, sim. ■ P.R.M.

Bancada da UNITA ainda incompleta

PÚBLICO, 19-3-97

Hercules voltou vazio a Luanda

Do nosso enviado
Pedro Rosa Mendes
em Luanda

"Maitre" Beye, da ONU, foi ao Bailundo falar com Jonas Savimbi, mas o seu Hercules voltou a Luanda vazio. Isto é, continuam a faltar 21 deputados da UNITA. À chegada, silêncio: "Não é hora de declarações, mas sim de actos."



Alioune
Blondin
Beye, re-
presen-
tante es-

pecial do secretário-geral das Nações Unidas para o processo de paz angolano, voltou ontem aparentemente de mãos vazias do Bailundo, onde se encontrou com Jonas Savimbi. Continuam a faltar em Luanda 21 deputados da UNITA, ultrapassado o prazo dado pelo Conselho de Segurança e na véspera de Kofi Annan elaborar mais um relatório sobre Angola.

Beye deslocou-se ao Bailundo para uma "missão de consulta" com Jonas Savimbi e nunca afirmou que esperava trazer o restante grupo de deputados da UNITA. Mas ele e a sua equipa — cinco pessoas apenas — voaram até ao quartel-general do Galo Negro num Hercules C-130, que pelo menos podia transportar cerca de 80 pessoas — o mesmo número que tinha trazido na véspera do Bailundo. Beye recorre com mais frequência a aviões ligeiros de poucos lugares nas suas deslocações de trabalho ao Bailundo.

"No momento em que o processo de paz atravessa um período sensível, não é hora de declarações mas sim de actos", respondeu Beye aos jornalistas quando chegou ao hangar da Unavem (Missão de Verificação da ONU em Angola). "Nada mais vou avançar", apenas que "a UNITA confirmou com toda a convicção, creio, que continua empenhada no processo de paz e no cumprimento do Protocolo de Lusaca".

O representante especial de Kofi Annan ia de seguida reunir-se com "outros parceiros". Acompanhou-o, na deslocação ao Bailundo, o embaixador Isaias Samakuva, chefe da delegação da UNITA na Comissão Conjunta, que também não abriu mão de informações sobre as várias questões de que depende a vinda dos restantes deputados e quadros indigitados da UNITA (chegaram 49 anteontem), a sua entrada na Assembleia Nacional e a tomada de posse do Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN), que ainda tem como referência a data de 24 de Março.

A reunião ordinária da CC, que já sofreu três adiamentos desde o final da semana passada, deverá realizar-se esta manhã. A agenda é grave, com assuntos como o atraso da selecção e incorporação nas Forças Armadas Angolanas e na desmobilização (que devia ter sido retomada ontem segundo um plano "rápido" que poderá agora estar remetido para o início de Abril). A definição do estatuto especial de Jonas Savimbi e o desacordo entre MPLA e UNITA sobre haver ou não discussão prévia do programa do GURN são outros temas que a CC terá que analisar.

Ontem era o último dia dado à UNITA para ter em Luanda toda a sua bancada e

os quadros da administração central e provincial e amanhã é a data em que Kofi Annan deverá divulgar o seu relatório sobre Angola. Annan inicia sábado uma visita de três dias a Angola, tendo uma deslocação prevista no domingo ao Huambo e ao Cuito e, provavelmente, uma intervenção na Assembleia Nacional, no dia seguinte.

Grande evasão

Mais de metade dos reclusos da cadeia central de Luanda conseguiram evadir-se depois de uma troca de tiros, anunciou ontem uma fonte policial na capital. Cento e cinquenta nove reclusos, segundo a informação oficial, ou 169, segundo um funcionário da cadeia ouvido pelo PÚBLICO, conseguiram evadir-se no sábado, incluindo no grupo alguns dos mais temidos criminosos do país.

Segundo o mesmo funcionário, a cadeia, situada na periferia norte de Luanda, teria cerca de 300 reclusos antes da fuga. Entre os fugitivos encontram-se os três "residentes" mais perigosos: Carlos Alberto Gaspar, conhecido por "Lito", António, que tem família no vizinho musseque do Sambizang-

ga (o mais violento da capital), e um natural de Cabinda conhecido como "Bicho Mau".

"Lito" foi condenado em 1992 a 20 anos de prisão por ter participado no assassinio de quatro cidadãos portugueses em São Braz, na zona de Cabo Ledo (provincia do Bengo). O "operativo" da cadeia central contactado pelo PÚBLICO admitiu que a fuga só terá sido possível "com ajuda de dentro", mas negou informações de que os detidos tivessem conseguido assaltar o depósito de armas. "Tinham uma arma despasseada. E foram eles os primeiros a disparar. Não houve mortos".

A cadeia central, segundo o mesmo funcionário, não tem problemas de sobrelotação mas só recebe a visita de um médico uma vez por semana, escasseia a água e a electricidade existe porque "um preso fez uma baixada de um cabo público na estrada. Dá luz para todos, mas somos nós que distribuímos".

A evasão dos presos foi reconhecida oficialmente no mesmo dia em que se iniciaram, em Luanda, os trabalhos do III Congresso Consultivo da polícia angolana. Um debate sobre as medidas de prevenção de criminalidade em Angola. ■

Cabo Verde

Católicos manifestam-se contra profanações

PÚBLICO, 19-3-97

CATÓLICOS cabo-verdianos organizaram ontem, em Santa Catarina, uma marcha para manifestar o seu repúdio pelas profanações que continuam a assolar os lugares de culto da Igreja Católica em Cabo Verde. O acto aconteceu uma semana depois de uma capela daquele concelho da ilha de Santiago, a maior do arquipélago e considerada, também, como a mais católica, ter sido profanada com cenas de fogo posto.

O caso criou, uma vez mais, algum embaraço junto das autoridades cabo-verdianas, que há muito dizem perseguir os responsáveis por este tipo de crimes, mas contudo conseguir evitar que ele assuma proporções cada vez maiores, bem como junto da classe política. Por

causa disso, os dois principais partidos políticos — o MpD e o PAICV — já se acusaram mutuamente, atribuindo-se a responsabilidade pelo sucedido.

Irritados com o arrastamento do caso, os responsáveis da Igreja voltar a criticar duramente o Governo, pela sua incapacidade para pôr termo ao fenómeno que, volta e meia, perturba a paz da comunidade católica cabo-verdiana. Desta feita, alguns sacerdotes não pouparam mesmo os tribunais, que acusaram de terem medo — já que não dão andamento aos processos em seu poder — nem a polícia, a quem acusam de conivência e de albergar no seu seio os autores deste tipo de prática.

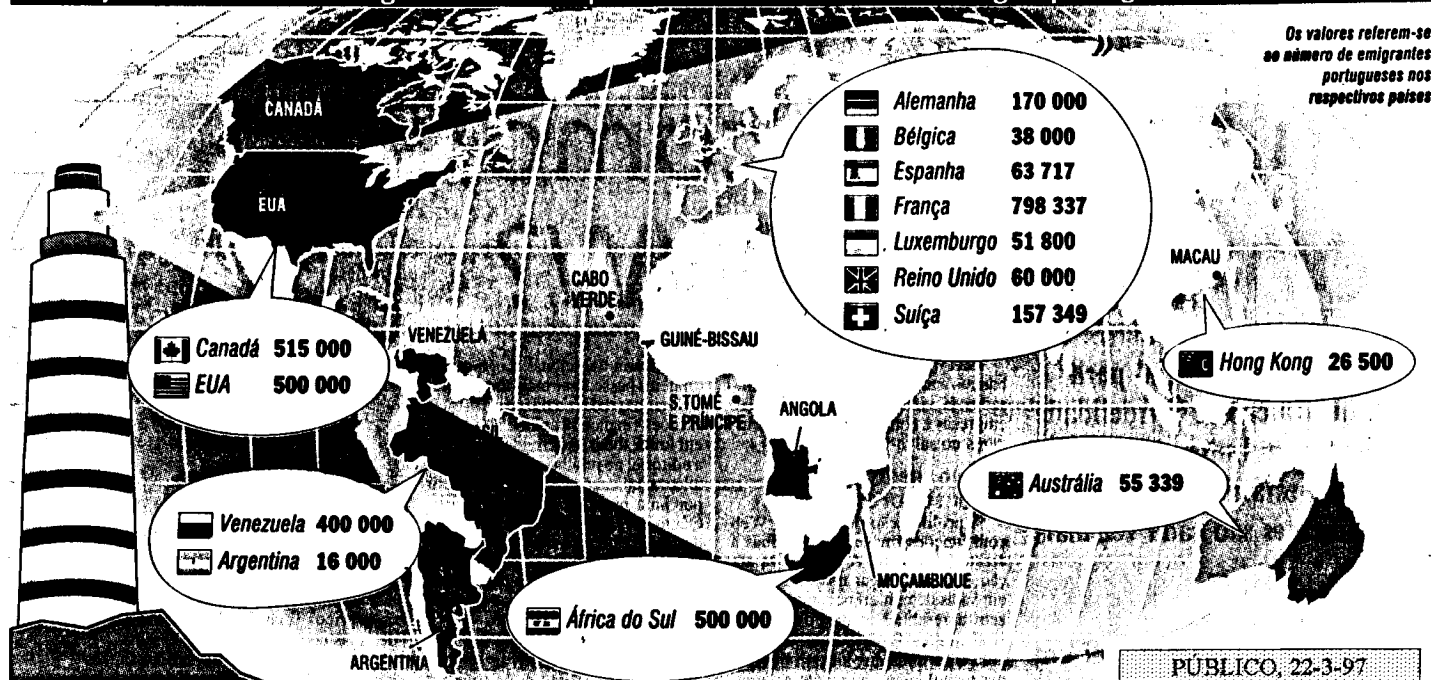
Ontem, na vila de Assomada, capital do concelho de Santa

Catarina, cerca de três mil pessoas saíram à rua em sinal de "profundo repúdio" pelo que consideram uma afronta contra a sua fé. Em comunicado, a diocese de Cabo Verde condenou a actuação das autoridades, ao mesmo tempo que reclamou justiça.

Em geral, os criminosos actuam durante a noite, entrando nas capelas ou igrejas e retirando imagens de santos que depois reduzem a cacos. Neste processo, a Igreja já perdeu várias imagens valiosas, algumas das quais datam de há vários séculos. Embora esta seja uma prática que ameaça eternizar-se em Cabo Verde, ignoram-se os motivos que movem os seus autores. ■

José Vicente Lopes,
na Cidade da Praia

Projecto «Terravista»: ligar em rede os países e as comunidades de língua portuguesa



O novo mapa da lusofonia

O projecto Terravista, lançado agora pela Iniciativa Mosaico, do Ministério da Cultura, pretende lançar as bases da comunidade lusófona do próximo século

RUI TRINDADE

O filósofo Paul Virilio afirmou um dia que o

único «espaço público» que restava nas sociedades urbanas contemporâneas era o da televisão. Na perspectiva de Virilio, esta virtualização do que era, anteriormente, o território privilegiado da interacção social configura uma inevitável dimensão de perda nas relações humanas e torna-nos, a todos, de algum modo, «deficientes», dependentes que ficamos de uma «prótese» de mediação.

Mas a visão de Virilio, condensada naquela afirmação, ainda que ajustada à paisagem dominante definida pelo império das ima-

gens televisivas é, ainda, de certa maneira, pré-internetiana. Isto é, não leva em linha de conta o potencial de «espaço público» que o fenómeno das relações na rede comporta.

E não equaciona a possibilidade «dinâmica» que a ligação à Internet, ao contrário do que sucede com o consumo televisivo, concede aos indivíduos.

Tudo isto se torna óbvio quando se aborda um projecto como o Terravista: na sua essência, o que nele se busca não é mais do que o desenhar de um «espaço público» de tipo novo, adequado, no limite, ao mundo definido pela interligação das redes. De que se trata então? Por acção da Iniciativa Mosaico — a «task force» do Ministério da Cultura para as novas tecnologias — estabeleceu-se uma «zona livre» na Internet, designada Terravista (no endereço www.terra-vista.pt), na qual todo e qualquer um se poderá gratuitamente estabelecer.

«Existem cerca de 200 milhões de falantes de português no planeta. Mas só uma percentagem baixíssima destes tem acesso ao novo mundo da Sociedade de Informação global. O objectivo do Terravista é oferecer esse acesso» — lê-



<http://www.terra-vista.pt> se na proposta de lançamento do projecto.

De que modo se irá processar esse acesso? Por um lado através de uma disponibilização de «terra», isto é, de espaço de alojamento na Internet.

Por outro, criando condições para que todos os interessados, mesmo os que não possuem as necessárias «ferramentas» de construção, se possam aí estabelecer, não sendo por isso excluídos.

Para este efeito, está previsto o lançamento de uma série de «estaleiros»: «Os estaleiros são um novo tipo de cibercafé, o cibercafé activo. Aqui as pessoas podem não só consultar a informação da Internet como entenderem, mas igualmente produzir informação original, usando ferramentas específicas e acompanhados por técnicos especializados que garantem o apoio e a formação».

O primeiro destes «estaleiros» foi recentemente inaugurado em Cabo Verde, na cidade da Praia, aquando da deslocação oficial do primeiro ministro daquele país. Outros estão previstos, nomeadamente no Mindelo, também em Cabo Verde, no Maputo, em Moçambique, e em Lisboa.

Mas se a abertura destes primeiros «estaleiros», na actual fase de arranque, depende directamente da Iniciativa Mosaico, isso não significa que tenha de ser sempre assim. Pelo contrário. Espera-se que os «estaleiros» se multipliquem e que, por exemplo, com os projectos de ligação das escolas à Internet, actualmente em curso, outras iniciativas surjam.

Embora o Ministério da Cultura tenha, numa intervenção recente, enfatizado o investimento na lusofonia que um projecto como o Terravista representa, seria limitativo entendê-lo, apenas, dentro do modelo tradicional que a expressão evoca. A «lusofonia» que o Terravista designa não resulta de uma justaposição geográfica nem pressupõe um ponto de partida local. Antes remete para uma comunidade global, múltipla e diversa, que, acima de tudo, se deverá

«construir» no «novo mundo» virtual.

Deste modo, do que se trata no Terravista não é apenas levar a cabo mais um exercício de proximidade entre comunidades pré-existent, mas sim, disponibilizando um território «sem passado» nem «fronteiras», ajudar à construção de uma proximidade real, ainda que através de um modelo virtual.

O que se joga no Terravista é um novo mapa da lusofonia, desenhado não tanto ao sabor das inevitabilidades históricas mas à medida das novas comunidades geradas no ciberespaço.

Trata-se de apostar na criatividade e na capacidade de povoar, em língua portuguesa, um território que é essencialmente anglo-saxão.

A proposta do projecto Terravista é simples: disponibilizar espaço na Net para a informação e a comunicação em língua portuguesa. Um modelo aberto que aponta para a constituição de comunidades virtuais simultaneamente locais e globais

CPLP Orçamento rondará os 153 mil contos

A COMUNIDADE dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) vai ter um orçamento de 900 mil dólares (cerca de 153 mil contos) entre 1 de Julho deste ano e 30 de Junho de 1998, anunciou ontem em Lisboa o secretário-geral da instituição, o angolano Marcolino Moco. Segundo Moco, citado pela Lusa, este orçamento será participado por cada um dos sete Estados-membros da CPLP, que contribuirão com um mínimo de 30 mil dólares (5,1 mil contos). «O restante será dado na medida do possível por todos os Estados, com os economicamente mais fortes, como Portugal e Brasil, a contribuírem com maiores verbas», acrescentou Moco. ■

PUBLICO, 22-3-97

Não deixe de assinar

ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS

É fácil.

É só ligar (021) 531-2636

UNITA ganha à mesa da Comissão Conjunta

PÚBLICO, 22-3-97

Savimbi não irá a Luanda

Do nosso enviado
Pedro Rosa Mendes,
em Luanda

Jonas Savimbi será um homem satisfeito se amanhã receber Kofi Annan no Bailundo. Ontem, na Comissão Conjunta, obteve para si o estatuto especial de líder do maior partido da oposição. E o MPLA aceitou discutir o programa do Governo de Unidade. Mas não virá a Luanda. Os seus deputados sim: ontem foram prometidos para hoje. Ainda há esperanças de Governo de Unidade antes de Março acabar. Com violações do cessar-fogo no terreno e o dossier militar com atrasos graves.



Jonas Savimbi "não virá a Luanda", nem para a tomada de posse dos deputados do seu partido, nem para a constituição do Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN). O presidente da UNITA conseguiu ontem duas vitórias no processo negocial: o acordo sobre o seu estatuto como líder da oposição e a cedência do MPLA na discussão de um programa mínimo para o GURN.

Foi o embaixador Isaias Samakuva, chefe da delegação da UNITA na Comissão Conjunta (CC), quem anunciou "solenemente" que Jonas Savimbi não estaria na capital angolana "nos próximos dias". Samakuva falou no fim da quadragésima sétima sessão ordinária da CC, adiada por diversas vezes desde a semana passada e que começou bem depois das 20h00 locais de ontem (19h00 em Lisboa), o que testemunha a dificuldade de encontrar consensos entre UNITA e Governo.

Com esta reunião, ficaram resolvidas as duas questões principais que nas últimas semanas tinham bloqueado todo

o processo de paz. Savimbi consegue, através de um decreto-lei que será aprovado pela Assembleia Nacional, o "estatuto do presidente do maior partido da oposição". E o Governo cedeu na exigência de se discutir um programa mínimo comum entre UNITA e MPLA antes de se formar o GURN.

A UNITA, entretanto, garantiu que os deputados que não estão ainda em Luanda chegam hoje à tarde à capital, excepto cinco "por motivos de doença ou logísticos", explicou Samakuva. Encontram-se em Luanda 43 dos 70 deputados do Galo Negro e sete dos onze membros indigitados para o GURN.

Provavelmente à mesma hora que os deputados da UNITA, chegará esta tarde a Luanda o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, para uma visita de três dias. Tanto Samakuva como Alioune Blondin Beye, representante-especial de Annan no processo de paz angolano, não excluíram a hipótese de um encontro do secretário-geral com Jonas Savimbi. O encontro poderá acontecer amanhã, dia em que Kofi Annan visita o Huambo e o Cuíto.

A sessão da CC debruçou-se também sobre questões militares, tendo decidido que o processo de selecção de ex-soldados da UNITA para as Forças Armadas Angolanas (FAA) terminou a 12 de Março com cerca de 18.500 efectivos. A CC decidiu também que a incorporação deve estar terminada a 26 de Março, o que significa que até quarta-feira deverão voltar aos centros de aquartelamento a maioria dos 24.000 desertores e ausentes da UNITA. Por último, foi estabelecido que o processo de desmobilização rápida comece nesse dia.

A tomada de posse dos deputados e do GURN ainda não tem datas, mas espera-se que não ultrapasse o dia 31 de Março.

Relatório muito crítico

A esta reunião da CC foi apresentado o relatório do comandante da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (Unavem III), Philip Sibanda, que é muito crítico em relação a ambas as partes.

Violações do cessar-fogo, banditismo, avanços militares no território são alguns dos problemas graves mencionados por Sibanda, referentes ao período de 23 de Janeiro a 5 de Março.

Uma das situações que preocupa a Unavem é a "continua ocupação" pelo Governo de novas áreas nas províncias da Huíla, Benguela e Bié. "Esta não é a melhor maneira para se começar a extensão da administração do Estado", afirmou Sibanda.

Igual preocupação merecem "os contínuos ataques contra aldeias e o roubo de gado realizados pela Defesa Civil e, em certa medida, pelas FAA e UNITA". Nessas províncias, acrescenta o relatório de Sibanda, "a actual situação tensa tem criado medo e um profundo sentido de insegurança no seio da população local, na medida em que as pessoas já não podem realizar livremente as suas actividades de rotina".

Mereceu também reparo a "continua ocupação de terreno" a partir de Outubro de 1996, principalmente pela Polícia Nacional Angolana no Bié e pelas FAA e Defesa Civil na Huíla, Benguela e Lunda Sul. Por outro lado, a Unavem confirmou que "a UNITA começou a levar a cabo acções de retaliação contra a Defesa Civil".

Sibanda chega mesmo a por em dúvida "a sinceridade da declaração" feita pela UNITA indicando que tinha aquartelado todas as suas tropas. É que a Missão de Verificação descobriu quinze "elementos armados" do Galo Negro na Lunda Sul, cujo comandante, o tenente João, "disse à Unavem que ele e os seus homens tinham recebido ordens de altas autoridades da UNITA para não aquartelarem".

As queixas de Sibanda apontam outras dificuldades postas às missões de patrulha em determinadas áreas

do Planalto Central. No Andulo, que com o Bailundo funciona nos últimos anos como quartel-general da

UNITA, os membros da Unavem estão proibidos de circular por algumas ruas e de "praticar ginástica para além de

cinco quilómetros na direcção de um local denominado Epan-da", ao sul, em direcção ao Cuíto.

Qualquer coluna que vá ao Andulo deve ser comunicada de véspera e as patrulhas das Nações Unidas apenas estão autorizadas a cumprir a sua missão "em companhia de um guia disponibilizado pelo tenente-coronel Ermelindo, um comandante da UNITA na área". E é proibido tirar fotografias no centro do Andulo e no aeroporto.

"A CC deve denunciar as restrições que a UNITA continua a impor à Unavem, especialmente nesta última etapa do processo de paz." Sibanda aponta a oposição do partido de Savimbi à desminagem da estrada Malange-Mussende-Andulo-Cuíto, uma via importante para ligar de norte a sul o coração do território angolano.

Não há milagres

Apesar de o cessar-fogo continuar a vigorar em todo o território, registaram-se

Continua na pág. seg.

Académico francês veio dar conferência em Lisboa

PÚBLICO, 22-3-97

“Não podemos ignorar a África!”

“A ÁFRICA está demasiado próxima da Europa para que a União Europeia a possa ignorar. O modelo extremamente generoso da Convenção de Lomé, o ideal do diálogo norte-sul tal como existia em 1975 foi ultrapassado; mostrou-se ineficaz. Mas a verdade é que a África é a periferia natural da Europa, tal como a América Central e a América do Sul constituem a periferia natural da América do Norte”, disse ao PÚBLICO o catedrático francês Daniel Bach, director do Centro de Estudos da África Negra (CEAN) da Universidade de Bordéus.

“A definição de projectos para África do Norte e para a África Negra é essencial para a própria união da Europa”, declarou aquele estudioso, segundo o qual, durante os anos da guerra fria, os Estados Unidos — mais virados para outras regiões — acharam bem que a França desempenhasse um pouco, na África, o papel de “gendarme” ocidental. Mas hoje em dia já se nota de novo naquele continente, tal como nos tempos coloniais, desde o século passado a meados deste século, um certo choque de inte-

resses entre a França e as potências anglófonas.

“Toda a gente [no Ocidente] apoiou em dada altura o regime de Mobutu, mas os norte-americanos souberam suspender esse apoio antes de nós”, recordou Daniel Bach, que esteve em Lisboa a inaugurar um ciclo de conferências organizado pelo Centro de Estudos sobre África do Instituto Superior de Economia e Gestão, centro esse orientado pela professora Joana Pereira Leite.

Mais importância do que ao Zaire atribui actualmente nas suas investigações o director do CEAN à Nigéria, “a única federação do continente africano que resistiu às pressões centrifugas responsáveis pela desagregação da maior parte dos conjuntos aduaneiros constituídos durante o período colonial, como as federações da África Ocidental Francesa, da África Equatorial Francesa e das Rodésias e Niassalândia”. E por isso mesmo é que lhe dedicou um

trabalho no número especial da revista “Afrique Contemporaine” saído no fim do ano passado.

“A Nigéria tem um aparelho industrial muito mais desenvolvido do que os seus vizinhos; e domina a região, pois que dela

parte uma série de fluxos económicos para toda a África Ocidental. Mas nunca foi verdadeiramente capaz de traduzir em termos de política externa o facto de ser o foco de muitas trocas regionais”, sublinhou o professor Daniel Bach, que é natural da Alsácia e que como tal também dedica grande atenção aos problemas inerentes a zonas fronteiriças.

Integração regional

“Em África, a integração regional não deriva de um desmantelamento dos entraves que constituem as fronteiras, mas sim da exploração das oportunidades geradas pelas disparidades que aí se materializam, nessas mesmas fronteiras. Os fluxos e redes entre uns e outros Estados exercem funções de regulamentação social e de acumulação vitais para as populações, quando se desmoronam os circuitos oficiais”, defendeu aquele académico.

Por enquanto, na maior parte do continente, o resultado de algumas 200 organizações intergovernamentais que na África querem promover a inte-

gração ou a cooperação regionais tem sido desanimador: “Só a África Austral testemunha uma dinâmica de integração ligada à influência da África do Sul sobre o conjunto da sub-região.”

Os únicos dois verdadeiros casos de integração regional em África são, no entender de Bach, a União Aduaneira da África Austral (SACU) — que congrega África do Sul, Lesotho, Suazilândia, Namíbia e Botswana — e a zona franco, pois todos os outros projectos se encontrarão ainda numa fase muito embrionária, mais teoria do que prática.

Para ele, tem até havido uma grande estabilidade das fronteiras africanas, nos últimos 40 anos, verificando-se mesmo em certos casos um regresso recente a realidades anteriores à descolonização, como foi o caso da separação entre a Somalilândia e a antiga Somália italiana e da recuperação da entidade da Eritreia em relação à Etiópia. ■ J. H.

Não deixe de assinar
ESTUDOS
AFRO-ASIÁTICOS
É fácil. É só ligar
(021) 531-2636

Continuação da pág. anterior

Savimbi não irá a Luanda

65 incidentes no período em análise, dos quais 50 foram “alegações de violações ao cessar-fogo”. A “tabela de violações” incluída no relatório não está lá por acaso: salta à vista, por exemplo, que foram confirmados todos os quatro incidentes imputados pela Unavem à UNITA (4) e a desproporção entre os imputados pela UNITA às FAA (16) e aqueles que foram confirmados (apenas três).

Entre as numerosas violações ao cessar-fogo, Sibanda pormenoriza as mais importantes, que incluem ataques a aldeias, roubo de gado, rapto e assassinio de pessoas, etc. A própria Unavem não ficou imune a estes inci-

dentos. A 19 de Fevereiro, por exemplo, elementos do estado-maior da UNITA, provenientes do Bailundo, dirigiram-se ao local onde os engenheiros indianos reparavam uma ponte sobre o rio Queve e mandaram suspender a obra, sem apresentar qualquer justificação. “Note-se que a UNITA havia anteriormente implorado à Unavem, em várias ocasiões, que mandasse construir esta ponte por forma a melhorar a comunicação rodoviária entre o Alto Hama e o Bailundo.”

A análise comparativa das violações do cessar-fogo permite constatar que os actos de banditismo aumentaram durante as últimas semanas, assinalando-se sobretudo acções imputadas à

Defesa Civil, recentemente às FAA e também UNITA, contra “inocentes populares”.

A Unavem está “igualmente preocupada com a existência e o aumento contínuo no número de postos de controlo que continuam a frustrar a livre circulação de pessoas e bens em toda a Angola”. A tendência, tanto pelo Governo pela UNITA, é “levantar postos de controlo apenas para montar novos postos noutros locais”.

Na região sul continuam a verificar-se violações ao cessar-fogo e actos de banditismo, particularmente nas províncias de Benguela e Huíla. Estes incidentes, “cometidos principalmente pela Defesa Civil e em certa medida também pelas FAA e

UNITA, estão a alimentar tensão, a inspirar o medo e a prejudicar a confiança no processo de paz”.

Sibanda aponta directamente os atrasos graves no calendário estabelecido pela CC: no período coberto pelo relatório não houve selecção de tropas da UNITA para incorporação nas FAA. Apenas 858 homens foram incorporados nas FAA desde o último relatório.

A saída da CC, não houve comentários à dureza deste relatório. Beye respondeu indirectamente nas curtas declarações depois da reunião: “Os milagres nunca fizeram parte deste processo. Mas devemos lembrarmos de onde viemos, para então poder apreciar o que já foi feito.” ■

Secretário-geral da ONU iniciou ontem visita a Angola

PÚBLICO, 23-3-97

Annan chegou, UNITA falhou

Do nosso enviado
Pedro Rosa Mendes,
em Luanda

Kofi Annan chegou a Luanda antes de tempo e esperou sozinho no aeroporto. Os deputados da UNITA tinham sido anunciados na véspera, mas não saíram do Bailundo. O secretário-geral da ONU parece conhecer já a imprevisibilidade do processo angolano. "Constatámos um atraso. Mais um entre muitos."



Alguém da 1ª Missão de Verificação das Nações

Unidas em Angola (Unavem III) se esqueceu ontem de um pormenor chamado fuso horário e o secretário-geral da organização, Kofi Annan, chegou ao aeroporto de Luanda antes de todas as individualidades que deviam estar à sua espera. Annan, em visita oficial ao país, apelou "a todos" para terem "a coragem de fazer a paz".

O secretário-geral chegou a Luanda, num avião da Namíbia, cerca das 16h00 locais - uma hora antes do que constava do programa oficial. Teve de ser ele a esperar no aeroporto 4 de Fevereiro o ministro das Relações Exteriores, Venâncio de Moura, os embaixadores da troika de observadores do processo de paz (Rússia, Portugal e EUA) e a imprensa.

"Estamos em período crítico", considerou Kofi Annan, que dois dias antes elaborou o seu relatório ao Conselho de Segurança sobre a aplicação do Protocolo de Lusaca. "A comunidade internacional investiu tempo e dinheiro (na paz angolana) e queremos que se chegue à conclusão lógica do processo".

"Sei que o povo angolano está cansado da guerra e que houve até agora dois anos e meio em paz. Queremos que continue assim", acrescentou Kofi Annan, "a comunidade internacional partilha esse sonho convosco". O secretário-geral "tinha esperança de que antes de sair de Angola pudesse participar na formação

do Governo de Unidade e Reconciliação Nacional" (GURN). "Mas afinal constatámos um atraso, mais um entre muitos".

Discretamente, Kofi Annan comentou desse modo a sua desilusão por o GURN não ser constituído durante a sua visita oficial a Angola, como estava previsto, um "atraso entre muitos" que o secretário-geral imputa à UNITA. O partido de Jonas Savimbi tem adiado, nas últimas semanas, a chegada a Luanda dos deputados que faltam para constituir a sua bancada na Assembleia Nacional e dos membros indigitados para o GURN e a administração provincial.

O processo de paz estava, por isso, bloqueado até sexta-feira à noite, quando a UNITA obteve na Comissão Conjunta (CC, o órgão que faz o acompanhamento do processo angolano) a aprovação do estatuto especial de Jonas Savimbi como líder do principal partido da oposição e a discussão prévia com o MPLA de um programa mínimo para o GURN.

O passo seguinte, anunciado sexta-feira à noite pelo chefe da delegação da UNITA na CC, Isaías Samakuva, era a chegada dos deputados ainda em falta. Mas, pela enésima vez, a imprensa esteve ontem sozinha e em vão no hangar da UNAVEM, es-

perando a delegação que não chegou.

A falha da UNITA é tanto mais significativa quanto Kofi Annan poderá hoje deslocar-se ao Bailundo para um encontro com Jonas Savimbi. O secretário-geral tem uma agenda apertada no seu segundo dia em Angola: vai ao Huambo e ao Cuíto, duas das capitais de província mais afectadas pela guerra de 1992 a 1994. A deslocação ao Bailundo poderá acontecer ao fim da manhã.

"Pelo que aconteceu ontem (sexta-feira, na CC), espero que o GURN seja para breve". Na sua passagem por Angola, Kofi Annan discutirá não só a conclusão do processo de paz mas "outras crises africanas, particularmente no Leste do Zaire".

Esperar por Abril?

O secretário-geral das Nações Unidas espera "progressos substanciais" durante os próximos dias, mas uma fonte da representação da UNITA na Itália já ontem adiantou à agência Lusa que a tomada de posse do novo Gover-

no angolano poderá vir apenas a verificar-se durante a primeira semana de Abril.

Na curta intervenção que fez à chegada, o visitante afirmou que "não há planos para o adiamento da retirada das tropas da ONU. Temos um plano bem gizado e queremos prosseguir com a sua aplicação". Na última reunião do Conselho de Segurança sobre o processo de paz angolano, foi decidido prolongar apenas por mais um mês, do fim de Fevereiro ao fim de Março, o mandato da Unavem III, que iniciou a retirada dos seus efectivos ao ritmo de um batalhão por mês.

Quanto ao secretário do Galo Negro para a Informação, Marcial Adriano Dachala, comentou — num comunicado ainda ontem transmitido ao PÚBLICO — que a aceitação pelo actual executivo da discussão prévia do programa governamental "abre uma perspectiva positiva para a tomada de posse dos 70 deputados da UNITA, a tomada de posse do GURN, em datas a acordar, e a conclusão do acordo sobre o estatuto do presidente da UNITA". ■

Secretário-geral da ONU visitou o Cuíto

Kofi triste na cidade calada

PÚBLICO, 24.3.97

Do nosso enviado
Pedro Rosa Mendes,
no Cuíto

Primeira fila: homens de triciclo. Segunda fila: mutilados em formatura. Uma multidão calada em frente, uma cidade destruída em redor, um palácio minado atrás. Kofi Annan respirou o pior da guerra em Angola. "Foi uma experiência triste." A chuva adiou o Bailundo para hoje.



Emanuel teve Kofi Annan a dez metros, a dez passos que ele não poderia dar. Sentado no seu triciclo de deficiente, ouviu, debaixo de uma chuva exorbitante, o secretário-geral das Nações Unidas garantir que o que acabava de ver ali, no Cuíto, "apenas reforça a (sua) determinação de conseguir o banimento mundial das minas antipessoal".

O jovem Emanuel, se pudesse falar: algum dia com a figura distinta que discursava emocionado à sua frente, não pensaria em tanto. "Gostava de lhe solicitar uma ajuda de triciclo. Mesmo este, que está muito velho, fui eu que comprei com o meu dinheiro. O Go-

verno não deu." À sua volta, porém, o povo do Cuíto manifestava em cartazes desejos menos particulares: "Queremos paz!"

Kofi Annan, que chegou sábado a Angola para uma visita oficial de quatro dias, esteve ontem de manhã na capital da província do Bié (centro do país), discursando na Praça da Independência. Três edifícios coloniais, esboraoados a tiro ao ponto de parecerem feitos de madeira carunchosa, desenhavam as ruínas do recinto. Um deles — poucos metros atrás da tribuna de Annan — continua minado (desconfortável na situação de ontem, porque as ruínas não servem de abrigo, pelo menos a quem é da terra e conhece...).

Annan devia ter ido também ao Huambo e ao Bailundo, para um encontro com o líder da UNITA, Jonas Savimbi, mas voou directamente de regresso a Luanda devido ao mau tempo que se fazia sentir no Planalto Central. O programa de hoje foi

Continua na pág. seg.

Kofi Annan encontrou-se com Savimbi no Bailundo

PÚBLICO, 25-3-97

Os vossos deputados voam?

Pedro Rosa Mendes
no Bailundo

Savimbi recebeu Kofi Annan no seu quartel-general e para hoje o menu é o seguinte: todos os deputados em Luanda, também todos os membros do GURN (ou no máximo até amanhã), Assembleia Nacional completa. É, pelo menos, a refeição que Annan pretende tomar antes de deixar Angola. O galo da UNITA voa; e os deputados?



Jonas Savimbi e Kofi Annan anunciaram

para hoje a chegada dos restantes deputados da UNITA a Luanda e, entre hoje e amanhã, de todos os membros indigitados para o Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN) de Angola. Kofi Annan espera assistir, antes de partir, a uma sessão da Assembleia Nacional com representantes de todos os partidos.

"Vim com muita esperança e não fiquei desapontado", afirmou o secretário-geral das Nações Unidas depois de um encontro de meia hora com o presidente da UNITA no Bailundo (Huambo), o quartel-general do Galo Negro. Como



Kofi Annan ouviu, ontem no Bailundo, as novas promessas de Savimbi e saiu satisfeito

acontece sempre, o líder da UNITA não estava só: rodeavam-no figuras cimeiras do partido, de Abel Chivukuvuku a Lukamba Paulo Gato.

"Concordámos que todos os deputados devem estar amanhã [hoje] em Luanda para assumirem as suas funções antes da minha partida", explicou depois Kofi Annan. "Vou ter a oportunidade de falar perante o Parlamento com representantes das duas partes" do conflito angolano, acrescentou o secretário-geral da ONU. Savimbi deu também garantias a Annan de

que os membros indigitados para o GURN chegarão o mais tardar até amanhã, "o que possibilitará ao Presidente José Eduardo dos Santos marcar a data da posse" do novo executivo — que, em todo o caso, ninguém espera verdadeiramente que aconteça antes de Abril, até porque quinta-feira começam os feriados da Páscoa.

"O povo angolano sabe o preço da paz e o que custa viver sem ela", declarou Kofi Annan. Depois da curta conferência de imprensa dada na sede da UNITA — numa das

avenidas centrais da antiga vila de Teixeira da Silva —, Savimbi subiu com o visitante à varanda.

"O nosso galo voa!", gritava ao microfone um animador de chapéu de napa. "Bandeiras, bandeiras, bandeirinhas! O nosso galo voa!". Os militantes estendiam os braços e abanavam as mãos imitando asas.

Entre eles e a casa-sede, um enxame de seguranças e vigilantes — incluindo fotógrafos que batiam chapas metódicas dos forasteiros e "jornalistas" que "filmavam" com as

oculares das câmaras tapadas — mexiam-se entre os quadros do movimento. "Trouxe o avião, vim buscar-te", brincava um oficial de ligação da UNITA com Rui Oliveira (representante do partido em Lisboa), que não está no grupo dos escolhidos para a Assembleia Nacional.

Quem manda no Bailundo?

Savimbi, perante vários milhares de pessoas, apresentou Kofi Annan em ovimundu e deu-lhe a palavra. O secretário-geral saudou a multidão com o mesmo "iehiehie!" utilizado por Savimbi. E falou: "Tive uma discussão muito entusiasmante com Jonas Savimbi. Posso dizer que hoje é um dia muito importante para Angola e para o povo angolano".

Delírio no comício. Cá em baixo, o animador repetiu a palavra de ordem escrita num pano ao correr da varanda: "Quem manda na nossa terra?" "Nós, nós, nós", respondia o comício.

Savimbi fez um gesto, o homem do chapéu, os tambores e os militantes calaram-se, Annan pôde continuar. "Hoje decidimos dar esse passo final e decisivo para a formação do GURN. Acredito que a paz está finalmente aqui". Terminou com um "Viva Angola! Paz para Angola!"

Savimbi pegou de novo as rédeas da multidão, discursou em ovimundu e incendiou os galos de milhares de bandeiras: "Viva África! Viva Angola! Viva a UNITA!"

"Fui a Luanda quando re-

solvemos todos os problemas", afirmou Savimbi à imprensa. Sobre as sanções previstas pelo Conselho de Segurança da ONU, Savimbi respondeu que "nunca houve sanções contra a UNITA. Porque maître Beye (representante-especial de Kofi Annan) sempre defendeu que não devia punir-se ninguém" e porque o mesmo entendimento, segundo o líder do Galo Negro, é partilhado por Annan — que há menos de uma semana culpou sobretudo o movimento de Savimbi pelos atrasos no processo de paz, no último relatório sobre Angola.

Tudo acabou de repente, como tinha começado nesta visita ao Bailundo: uma correria desenfreada pelas ruas da vila até ao aeroporto, em viaturas que ignoraram o sinalizador da avenida principal, com uma comitiva apinhada de seguranças e militantes que se despejou na pista de terra.

"O nosso galo voa! Savimbi é o nosso guia!", cantaram ainda em volta do avião de Annan dezenas de homens e mulheres (vestindo panos com o retrato de Savimbi), enquanto o secretário-geral se despedia do ocupante do grande carro presidencial blindado com um tigre de porcelana (dos que abanam sempre a cabeça) no tablier. Do comício restavam também as faixas, que não deixaram muito espaço à visita do dia. "A paz faz-se com a UNITA nunca contra a UNITA" ou "O dr. Savimbi é a chave para a paz em Angola".

De volta a Luanda, Kofi Annan encontrou-se com o primeiro-ministro, participou numa sessão especial da Comissão Conjunta e jantou com o Presidente angolano no Fungo de Belas. Termina hoje a sua visita a Angola — com ou sem a Assembleia Nacional completa. ■

Continuação da pág. anterior

Kofi triste na cidade calada

alterado, de modo a incluir a visita ao Bailundo, prevista para a parte da manhã, enquanto de tarde o visitante deverá ser recebido em Luanda pelo Presidente José Eduardo dos Santos e pelo primeiro-ministro. França Van-Dunem.

"Angola é um avião"

Todos saíram à rua no Cuíto — uma força de expressão aqui, cidade de casas a céu aberto, arrasada até ao absurdo, até ao fim. As crianças sobrelotaram as poucas árvores da praça, pendurando-se em cachos para assistir, e os civis espalhavam-se em volta do lago do jardim, forrado a azulejo sem água.

A frente do palco, na pri-

meira fila da assistência, os homens em triciclo. Atrás, duas filas com dezenas de mutilados em formatura, uma impressionante e silenciosa parada de muletas, bengalas e calças com as pernas em nó cego. "Feridos de guerra querem a paz", dizia um estandarte.

"O mundo sabe que dezenas de milhares de habitantes do Cuíto perderam a vida pelas balas, pela fome, pelas minas e pelas doenças", entre Janeiro e Outubro de 1993 e novamente nos meses de guerra em 1994.

Kofi Annan acrescentou que nenhum dos muitos relatórios sobre a guerra no Cuíto o preparou para o que viu. "Foi uma triste experiência constatar a devastação com os meus olhos"

Para o secretário-geral das

Nações Unidas, "foi especialmente triste constatar tanta gente mutilada pela guerra". Mas estar no Cuíto "não foi só deprimente mas também enraajador. Constatei o início da reabilitação da cidade desde que a guerra acabou e testemunhei que o povo do Cuíto tem a determinação de reconstruir as suas vidas".

Com Kofi Annan, no palco, o ministro angolano das Relações Exteriores, Venâncio de Moura, a titular da pasta da Cultura, Ana Paula das Neves, o governador provincial, os comandantes, as patentes, os titulares. À esquerda da praça, os sobas dentro dos uniformes de azeitona-parda. À direita, usando a carroçaria de um camião, uma banda local, os "Okangalo", cantara antes da chegada

de Annan a melancolia de um "original", "Angola é um avião".

Depois, desabou uma grande bátega de água e o visitante ficou a falar para pouco mais de uma centena de pessoas, enquanto as restantes fugiam para os destroços da cidade mais martirizada da guerra civil entre os angolanos, cidade onde há quatro anos teriam morrido umas 25 mil pessoas.

O secretário-geral contactou os capacetes azuis brasileiros que fazem parte da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (Unavem III), mas já não teve condições — devido ao temporal — de seguir para o Huambo, outra cidade que tanto sofreu com as hostilidades entre as forças governamentais e as da UNITA. ■

Kofi Annan terminou visita a Angola sem a posse da bancada da UNITA nem do Governo de Unidade

A paz pela culatra

PÚBLICO, 26-3-97

Do nosso enviado
Pedro Rosa Mendes
em Luanda

Kofi Annan queria ver o Parlamento completo e a posse do GURN. Nem um nem outra. A UNITA faltou à promessa da véspera. Mas os deputados do Galo Negro sentaram-se na assembleia, pela primeira vez desde 1992. "Virou-se uma página." Kofi brindará onde estiver. Com a consolação do "catalisador".



Kofi Annan, secretário-geral das Nações Unidas, deixou Luanda sem ver cumpridos os seus principais desejos em relação ao processo angolano e à sua visita: a bancada da UNITA completa no Parlamento e a formação do Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN). Mas meia centena de representantes da UNITA sentaram-se na Assembleia Nacional — “um virar de página”.

A UNITA não cumpriu a promessa feita na véspera no Bailundo pelo presidente do partido, Jonas Savimbi, ao secretário-geral da ONU: a presença em Luanda, até à manhã de ontem, dos deputados que faltam para completar a bancada do Galo Negro no Parlamento angolano.

Isaias Samakuva, chefe da delegação da UNITA na Co-

missão Conjunta (CC), explicou ao PÚBLICO que “razões logísticas” impediram a chegada à capital de todos os deputados, alguns deles dispersos por diferentes pontos do território. Nem todos se encontravam no Bailundo de forma a poder apanhar bem cedo o voo especial que a Unavem III realizou: há alguns no Andulo (Bié), Jamba (Cuando Cubango), nas províncias do Moxico e da Huíla e no Negaje (Uíge).

Ontem acabaram por chegar apenas quatro deputados (voaram nove, mas cinco já se encontravam antes na capital) e dois dos membros indigitados para o GURN provenientes do Bailundo seguiram no voo da noite para Lisboa. Mesmo no contexto da visita de Kofi Annan, terça-feira foi um dia demasiado igual aos outros no marca-passo do processo de paz, com a contagem bizantina de quantos já estão (os 52 de Isaias Samakuva, os

58 de Annan?), de quantos vieram, de quantos já estavam, de quantos faltam, pela enésima vez.

Seja qual for o número, não foi o suficiente para Annan. O secretário-geral, segundo soube o PÚBLICO, não foi ao aeroporto esperar o grupo da UNITA — como anunciara com solenidade no Bailundo —, à falta da comunicação da vinda de todo o grupo.

Kofi Annan recordaria mais tarde aos jornalistas que o Conselho de Segurança “esperava” que o GURN fosse formado até 31 de Março, uma data que o secretário-geral aceitou enfim como inverosímil. “Talvez seja possível” haver GURN este mês, mas Annan vai propor ao CS “uma extensão técnica do mandato [da Unavem] por 15 dias” para dar tempo à orga-

Continua na pág. seg.

Moçambique desmente venda da ilha de Santa Carolina

PÚBLICO, 25-3-97

“O paraíso não está à venda”

José Pinto de Sá,
em Maputo

Um empresário sul-africano pôs à venda, por 3,5 milhões de dólares, a ilha de Santa Carolina, estância paradisíaca na costa moçambicana. As autoridades de Maputo dizem que nada sabem, mas garantem que a ilha não é do boer e que já lhe deram ordem de expulsão. Só que ele não sai.

A ilha de Santa Carolina, no arquipélago de Bazaruto, é um dos recantos mais belos do litoral moçambicano. Ergue-se do azul do Índico a dez quilómetros da costa de Inhambane, sobre um recife de coral riquíssimo em peixe e tartaruga, um dos raros locais do mundo onde ainda existem dugongues.

Quem primeiro apostou nas

potencialidades turísticas da ilha foi Joaquim Alves, dinâmico colono português, que ali construiu um hotel e uma pista de aterragem na década de 60. Sob a administração colonial, a ilha recebia grande número de turistas sul-africanos e rodésianos.

Depois da independência, os bens das Organizações Joaquim Alves, entretanto falecido, foram parar às mãos do Banco Popular de Desenvolvimento (BPD). A semelhança de outras empresas nacionalizadas ou intervencionadas, o complexo turístico entrou em acentuada decadência. As relações tensas com o “apartheid” e a instabilidade causada pela guerra civil tinham entretanto reduzido o turismo praticamente a zero.

Veio a paz e o FMI, com uma vaga de reprivatizações quase tão expeditivas como haviam sido as nacionalizações. O BPD abriu um concurso, ganho pelo sul-africano Richard Makin, que em troca dos direitos de exploração se comprometeu a realizar as obras de reabilitação e a respeitar o estatuto da ilha como reserva natural.

Richard Makin mudou o nome da ilha de Santa Carolina para

Paradise Island e começou a organizar a vinda de turistas da África do Sul, em voos directos de avio-neta que frequentemente não chegavam ao conhecimento dos serviços moçambicanos de migração. Quanto a investimento, nada. O hotel e os “bungalows” precisam de obras e a pista de aterragem está em mau estado. Para além de uma pintura, Makin pouco mais terá feito, na opinião do BPD, que lhe deu ordem de expulsão com o pleno apoio do Ministério do Turismo.

“Richard Makin está a denegrir a imagem de Moçambique”, disse uma fonte ministerial. “Manda vir estrangeiros a Santa Carolina quando o hotel não reúne um mínimo de condições de alojamento.” A mesma fonte garantiu que o administrador local já recebera ordens para evacuar da ilha o sul-africano e a sua equipa, mas o tempo vai-se arastando e Makin continua a gerir o complexo turístico com uma impunidade que lança suspeitas de corrupção sobre as autoridades distritais.

No entanto, talvez por recear uma eventual escalada de

pressões, Richard Makin pôs a ilha à venda por 3,5 milhões de dólares (cerca de 595 mil contos), segundo notícia veiculada há dias pela Reuter. Esta informação não terá chegado a Maputo, onde o pedido de confirmação pelo PÚBLICO apanhou de surpresa o porta-voz do Ministério do Turismo. Dois dias depois, porém, foi peremptório. “É pura mentira”, disse Rafael Nambale. Garantindo que a ilha não está à venda nem poderia estar, e muito menos por Makin, já que o único proprietário do complexo turístico continua a ser o BPD.

O caso de Santa Carolina assemelha-se a muitos outros ocorridos no país desde o fim da guerra civil. Empresários sul-africanos tomaram de assalto as mais interessantes estâncias de turismo no litoral sul, que tinham sido abandonadas durante o conflito, e estão a geri-las muitas vezes à margem da legalidade, apesar dos protestos da concorrência local. “Os boeres estão a sacar tudo e ninguém os impede”, queixou-se um operador moçambicano. “Isto é mesmo a república das bananas.” ■

Continuação da pág. anterior

A paz pela culatra

nização da cerimónia.

"Por causa dos atrasos, não terei ocasião de estar presente na posse do GURN, mas penso que demos um importante passo. Quando o Governo for formado, onde eu estiver — em África, América ou Europa — ergurei uma taça de champanhe pela paz em Angola, comemorando a reconciliação". Kofi Annan gostaria, entretanto, que a sua passagem por Angola "servisse de catalisador" para o processo de paz.

Os abismos da catástrofe

"O povo angolano acabou de fazer uma viragem de extrema importância na sua história pós-colonial", declarou Kofi Annan perante a sessão especial da Assembleia Nacional. "Angola recuou dos abismos da catástrofe, abandonou o trilho da guerra", como testemunha, segundo o secretário-geral, a presença naquela sala de deputados dos 12 partidos, pela primeira vez desde as eleições de 1992.

Kofi Annan pediu aos angolanos que "reforcem esta paz frágil", frisando que "a paz traz alegria mas também implica trabalho árduo". Com

o fim do conflito, acrescentou, "surtem novas responsabilidades" e "vozes que antes eram silenciadas vêm ao de cima para ser ouvidas. As vozes das viúvas, dos órfãos, dos esfomeados e deslocados não podem ser ignoradas por mais tempo" mas sim "ouvidas para que se possa construir a nova nação".

Kofi Annan não esqueceu que em antevésperas da formação do GURN "há demasiadas tarefas por cumprir". A situação ainda é sensível no terreno, com atrasos no dossier militar (na selecção, incorporação e desmobilização) e situações graves em algumas províncias (violações de cessar-fogo e banditismo). "Vinte e oito meses depois de Lusaca, apesar de termos entrado na fase final, temos que admitir que [a conclusão] é difícil".

Foi mais fácil do que se poderia esperar a convivência, na mesma sala, dos deputados do MPLA e da UNITA. João Lourenço, secretário da Informação do partido no Governo e líder parlamentar, não deixou de reparar que "eles [da UNITA] estavam aqui um pouco como convidados, porque ainda não toma-

ram posse".

Mas era "uma situação pela qual esperávamos há anos, desde que eclodiu o conflito pós-eleitoral" de 1992, afirmou João Lourenço ao PÚBLICO no fim da sessão. "Infelizmente só hoje isso foi possível, mas antes tarde do que nunca. É muito bom, vamos lutar para que não se volte para trás nunca mais". Para João Lourenço, a paz angolana "pode considerar-se em princípio irreversível porque a UNITA declarou que já não tem forças armadas. Quem faz a guerra são exércitos. Há um exército nacional único e esse exército não vai lutar contra si próprio".

"Fizemos um gesto", considerou por seu turno uma das figuras mais importantes da bancada da UNITA, Abel Chivukuvuku, "um sinal ao secretário-geral e à comunidade internacional, que está tão envolvida no processo, de que nós queremos tornar a paz efectiva".

Foi bom, para Chi-

vukuvuku — que em Novembro de 1992 foi ferido e detido em Luanda —, entrar naquela sala. "No fundo, as pessoas hoje foram-se descobrindo, com antigos amigos, antigos colegas".

Depois da sessão parlamentar, Kofi Annan lançou o Apelo Consolidado Inter-Agências das Nações Unidas para Angola, solicitando à comunidade internacional que "continue a dar o seu contributo generoso" durante este ano. Generosidade pedida: 228,4 milhões de dólares.

Este montante destina-se a responder às imensas necessidades humanitárias de Angola e a providenciar um quadro de transição para a reabilitação nacional e a reconstrução. O alvo são os 1,2 milhões de deslocados dentro do país e os 300 mil refugiados em países vizinhos como o Zaire, Zâmbia e a Namíbia. Ao todo, três milhões de angolanos foram afectados pela guerra e precisam de ajuda de emergência enquanto não forem ressuscitadas as estruturas de comércio, a livre circulação e a produção agrícola de base. ■

cacimbos da paz

Amor nos tempos de mina

MANUEL fogueira pela primeira vez o olhar solteiro de Isabela no mercado do Huambo. Ela estava a vender fuba e ele, sem saber, a comprar o destino. Ele é mutilado da perna direita. Ela é mutilada da perna esquerda. "Disse-lhe: preciso mesmo de ti. Gostas de mim?"

Isabela calou, mas para o efeito já tinha sido abatida: "Puxámos ao lado, num domingo, conversámos um bocadinho." Uma semana depois estavam juntos. "E só sorriso. Gostou, sim."

Foi em 1983 que Manuel Cabinda, que habitualmente fazia a guerra dentro de um

blindado das FAPLA, pisou uma mina antipessoal em Menongue, no Cuando Cubango. A primeira mulher abandonou-o e ele calculou o andar da vida fazendo as contas aos pés: "Mulher com duas pernas vai me gozar. Prefiro mutilada mesmo." Isabela Kanguia foi, por isso, um bom partido: a 10 de Junho de 1988 tinha pisado uma mina quando caminhava para as lavras.

Manuel e Isabela tiveram dois filhos. Miguel, que faleceu cedo ("mas foi vivo e portanto também conta") e Manuel Graça, dois anos, barrigudo de fome, talvez de malária, que urina em pé pelos calções abaixo, perante a ternura dos pais. Vivem por estes dias na impenável Casa de Mutilados de Menongue em Luanda, onde Manuel espera a pri-

meira prótese e Isabela espera substituir a sua por uma nova.

A Casa, fundada e gerida pelo padre João Bosco (nasceu como Cooperativa Bemvinda, para apoiar a agricultura, mas a guerra alterou a prioridade das carências), com as religiosas mexicanas de Maria Menina, recebe mutilados de Menongue (crianças e mulheres também) que vêm das Terras do Fim do Mundo para conseguir uma prótese. Cerca de 30 de cada vez, que ficam por um período de três meses no Coreia (um museu na saída sul de Luanda). Espalham-se pela casa e anexos, estendidos entre a rede dos galinheiros e a ferrugem de um jipe jazente, sob um cheiro asfíxiante a carreiros de água quente, ao cimento enegrecido pelo sebo, às papas de feijão e arroz fornecidas pelo

PAM (que quer suspender a ajuda), sob o castanhar seco de pés com passos de madeira e o mugir de um "tijolo" sem caixa exterior, que se liga por instinto carregando no sistema nervoso de botões e fios.

O tratamento de cada mutilado de Menongue num dos dois centros ortopédicos de Luanda custa em média 600 dólares ("avião, calçado, cola, gesso e comida"). Se a assistência fosse prestada em Menongue custaria metade, mas segundo o administrador da Casa, Joaquim, "as organizações como a Handicap dizem que não há lá mutilados que justifiquem". O Cuando Cubango, segundo dados oficiais, é precisamente a província que tem mais: 20 mil esperam a desmobilização. ■ P.R.M.

Wilfried Martens e Marcelo Rebelo de Sousa apadrinham

União de Partidos Populares Africanos

O PARTIDO Popular Europeu (PPE), presidido pelo antigo primeiro-ministro belga Wilfried Martens, tenciona apadrinhar em Julho, aquando de uma reunião na Namíbia, uma União de Partidos Populares Africanos (UPPA), como primeiro passo para um eventual Partido Popular Africano a criar a médio prazo, mas que por enquanto ainda não é viável.

O Movimento para a Democracia (MpD), do primeiro-ministro cabo-verdeano, Car-

los Veiga, o PAIGC, de Nino Vieira, e o MLSTP PSD, que foi de Manuel Pinto da Costa e de Carlos Graça, são alguns dos grupos com que Martens e o seu amigo português Marcelo Rebelo de Sousa contam para a UPPA, segundo este último disse ontem ao PÚBLICO no fim de um simpósio sobre o tema que se realizou na cidade do Porto.

Aliás, o ministro cabo-verdeano dos Negócios Estrangeiros, Amílcar Spencer Lopes, foi já um dos oradores oficiais

naquele fórum sobre "A Democratização da África", a que compareceram o secretário executivo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, Marcolino Moco, os eurodeputados Eurico de Melo e Lucas Pires, entre outros, e um antigo secretário de Estado da Cooperação, Brion e Gala. Este último encontra-se já mobilizado para representar a direcção dos sociais-democratas portugueses na tomada de posse do governo angolano de reconciliação, se tal cerimónia

por acaso se verificar durante os próximos oito dias.

"Para uma paz durável em África é fundamental promover o desenvolvimento durável, investir na valorização dos recursos humanos e fazer com que os processos de democratização em curso sejam bem sucedidos e se generalizem", destacou Lopes, que estava acompanhado por um dos seus an-

PÚBLICO, 26-3-97

Continua na pág. seg.

Angola

PÚBLICO, 28-3-97

Deputados da UNITA no Registo Civil



Grande parte dos deputados da UNITA presentes em Luanda entregaram ontem os seus dados a um oficial do Registo Civil, para lhes serem fornecidos documentos de identificação. Em grupos de dez, os deputados sentaram-se perante o livro de registos, dentro de uma divisão de vidro que já foi uma casa de câmbios nos melhores anos do hotel Panorama. Contaram datas e locais de nascimento, casamentos e divórcios, moradas e regimes de bens — e o oficial fez fé, por-

que a guerra consumiu muitos arquivos de paróquia por Angola fora.

Com o registo feito, ser-lhes-á entregue uma cédula que mais tarde, condimentada com duas fotos, dará acesso a um bilhete de identidade. Mais tarde ainda, depois de tomarem posse na Assembleia Nacional, os mesmos deputados passarão a ter um passaporte diplomático — para viajar, por exemplo, até Portugal e resolver as suas vidas, depois de quatro anos fora da capital.

Quando é que isso é, não se sabe: ontem, mais uma vez, a

chegada dos mais de 10 deputados que faltam foi anunciada e desmarcada. Talvez hoje.

Entretanto, o secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, comunicou ao Conselho de Segurança confiar em que seja possível estabelecer no futuro próximo o Governo angolano de Unidade e Reconciliação Nacional. Só que, na presente situação, futuro próximo tanto poderá significar daqui a 10 dias como daqui a 15.

No relatório que enviou ao Conselho, o qual a partir do dia 1 de Abril será presidido pelo embaixador português António

Monteiro, Annan declara que ainda são necessários alguns passos corajosos por parte do Estado angolano e da UNITA para que se complete o complicado processo de paz.

O mandato da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (Unavem III), que expirava no fim de Março, deverá agora ser prorrogado segunda-feira até 15 de Abril, "dada a incerteza quanto à data exacta da tomada de posse do Governo de Unidade e Reconciliação". ■

Do nosso enviado
Pedro Rosa Mendes, em Luanda

Sara Ocidental Guiné-Bissau congela relações

PÚBLICO,
29-3-97

A GUINÉ-BISSAU decidiu congelar as suas relações diplomáticas com a República Árabe Saraui Democrática (RASD), depois de ter chegado à conclusão de que "não faz sentido prosseguir com o reconhecimento de um país que

não tem território", segundo fonte próxima do Governo de Manuel Saturnino da Costa, divulgou a agência Lusa. O Conselho de Estado, presidido por João Bernardo Vieira, "Nino", pronunciou-se recentemente a favor da suspensão das relações diplomáticas com a RASD, proclamada em 27 de Fevereiro de 1976 pela Frente Polisário, mas que apenas controla uma pequena faixa fronteiriça do Sara Ocidental, junto à Argélia.

A maior parte do território

sariano ocidental encontra-se há mais de 17 anos sob ocupação do reino de Marrocos, que em 1991 estabeleceu um cessar-fogo com a Polisário, na perspectiva de o conflito entre as duas partes vir a ser regularizado por intermédio de um referendo, sob a égide das Nações Unidas. Mas a organização de tal referendo tem-se revelado altamente difícil, fazendo com que a causa saraui vá perdendo grande parte do impacto que teve no fim da década de 70. ■

Não deixe de assinar
ESTUDOS
AFRO-ASIÁTICOS
É fácil.
É só ligar
(021) 531-2636

Continuação da pág. anterior

Unidades de Partidos Populares Africanos

tecessores, José Tomás Veiga, irmão do primeiro-ministro.

"A democratização em ses da área social-democrata, Cavaco Silva e Durão Barroso.

"A democracia em África vai depender de muitas outras democratizações. E até mesmo a Europa ainda não tem meios para só por si assegurar a democratização no seu próprio continente", dependendo mu-Africa passa necessariamente pela resolução da questão da dívida externa dos países africanos, pelo menos da dos mais pobres", sublinhou o ministro, que tinha a seu lado na mesa o presidente do PPE, o chefe da oposição portuguesa e o editor da secção africana de "Economist" londrino, Richard Dowden.

"Será que o multipartidarismo é o melhor para África?" chegou a interrogar-se um antigo ministro são-tomense, Manuel Vaz, do MLS-TP, actualmente a tirar um doutoramento em Sociologia na Universidade de Coimbra, e que teceu grandes elogios a dois ex-governantes portu-
tas vezes do apoio norte-americano, considerou por seu turno Lucas Pires, que ao querer referir as dificuldades da construção de um Estado de Direito chegou — perante o sorriso de Marcelo — a deixar escapar a gaffe "Estado de direita".

Seguidamente, falou-se do projecto socialista de uma cimeira euro-africana, para dar mais força á cooperação entre os dois continentes vizinhos, e o presidente do PSD português esclareceu que, em princípio, apoia tal proposta querida a Jaime Gama, "embora de vez em quando tenha muito medo de ideias de política-espectáculo", como na sua opinião esta corre o risco de ser.

O fórum sobre a democratização em África decorreu no âmbito do conselho do PPE desde segunda-feira realizado no Porto, conselho esse que apoiou a ambição de Chipre se tornar membro da União Europeia e sublinhou a importância de a NATO estabelecer parcerias com a Rússia e a Ucrânia. ■

Inna Heltner

NOTÍCIAS AFRICANAS é uma publicação do **CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS**, do Conjunto Universitário Candido Mendes. **Edição:** Equipe do Programa de Estudos Africanos (Beluce Bellucci, Edson Borges, José Maria Nunes Pereira, Marcelo Bittencourt e Roquinaldo Ferreira). **Produção Gráfica:** Hamilton Magalhães Neto. *Correspondências devem ser encaminhadas à Sociedade Brasileira de Instrução - Centro de Estudos Afro-Asiáticos 97 - Rua da Associação 10, Conjunto 501 - SEP 24119-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil - Tel. (021) 531-2636. Ramal 259, e 531-2636. We ask for exchange.*

IMPRESSO